

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO DE PEDAGOGIA

MARIANA AYELEN GOMES SOARES DE LIMA

O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR  
JOVENS E ADULTOS SURDOS

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO DE PEDAGOGIA

MARIANA AYELEN GOMES SOARES DE LIMA

O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR  
JOVENS E ADULTOS SURDOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogo, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.

Orientadora: Professora: Dra. Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO DE PEDAGOGIA

MARIANA AYELEN GOMES SOARES DE LIMA

O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR  
JOVENS E ADULTOS SURDOS

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente e orientador: Profa. Dra. \_\_\_\_\_

1º. Examinador: Prof. Dr. \_\_\_\_\_

2º. Examinador: Prof. Dr. \_\_\_\_\_

São Paulo, de \_\_\_\_\_ de 2012

SÃO PAULO

2012

## FICHA CATALOGRÁFICA

LIMA, M. A. G. S. **O aprendizado da língua portuguesa por jovens e adultos surdos**. 2012. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação , Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. 2012.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família principalmente aos meus pais, Lúcia e Juan Carlos que sempre me apoiaram, ajudando a superar as dificuldades, com paciência, no dia a dia, estimulando-me e motivando-me a sempre fazer o meu melhor.

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a todas as pessoas que durante esses 4 anos de estudo fizeram parte do meu caminho.

Karen Nabeta, minha interprete, obrigada por tudo e pela confiança sempre.

Professoras Maria Cristina da Cunha Pereira e Alda Luiza Carlini, obrigada por terem aceitado a orientação desta pesquisa, que foi muito importante e interessante para meu desenvolvimento como futura profissional da Educação.

## RESUMO

LIMA, M. A. G. S. **O aprendizado da língua portuguesa por jovens e adultos surdos**. 2012. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. 2012.

Os resultados insatisfatórios na leitura e na escrita têm preocupado os profissionais que trabalham com alunos surdos. Professores, pesquisadores e os próprios surdos concordam que a língua majoritária (a Língua Portuguesa, no caso dos brasileiros) é difícil de ser aprendida por pessoas que não ouvem. No entanto, autoras como Svartholm (1998) e Pereira (2000; 2005), por exemplo, afirmam que, embora a surdez possa dificultar o aprendizado da língua majoritária, não é impossível para os alunos surdos a aprenderem e usarem bem. Os resultados vão depender, principalmente, do conhecimento de língua que os alunos tiverem. Até a década de 80, no Brasil, os sinais eram proibidos na escola e os alunos surdos tinham que aprender a se comunicar pela fala. Alguns alunos surdos conseguiam entender e usar a língua portuguesa na modalidade oral, mas a maioria sofria para aprender a falar e muitos não conseguiam ter bons resultados. Nos últimos anos, principalmente com a aprovação da Lei Federal 10.098, que reconhece a língua brasileira de sinais como língua da comunidade de surdos no Brasil, e com o decreto 5626, de 2005, que regulamenta a Lei 10.098, a língua de sinais passou a ser considerada a primeira língua das pessoas surdas e a língua portuguesa, na modalidade escrita, a segunda. Com isso, a educação dos alunos surdos deve ser bilíngue, ou seja, os alunos têm direito à língua de sinais e a língua portuguesa vai ser aprendida com base na língua de sinais. Considerando que a maioria das crianças surdas nasce em famílias ouvintes, pode-se dizer que geralmente elas chegam à escola sem uma língua, nem a língua de sinais e nem a língua portuguesa oral e são inseridas no aprendizado da língua portuguesa escrita. Para estas crianças, o aprendizado da leitura e da escrita significa aprender uma língua. Na educação bilíngue, como proposta pelo Decreto 5626, a escola deve possibilitar o aprendizado da língua brasileira de sinais, e, com base nela, a língua portuguesa escrita. Pensando em alunos que chegam à escola mais tarde e sem a língua de sinais, este trabalho tem como objetivo analisar o aprendizado da Língua Portuguesa por adolescentes e adultos surdos. Para desenvolvê-lo foi realizada pesquisa bibliográfica nos trabalhos publicados sobre o ensino da língua portuguesa para surdos, bem como foi feita observação em uma escola para Surdos, em São Paulo. A análise de trechos da observação das aulas e de amostras escritas de alunos surdos, que estão aprendendo a Língua Portuguesa, demonstra que, apesar das dificuldades no uso da língua portuguesa, é possível entender o que eles escrevem. Como considerações finais, a autora enfatiza que, no ensino da Língua Portuguesa, o professor deve trabalhar com leitura de textos e não de palavras isoladas. Pela leitura eles vão aumentar o vocabulário e o conhecimento da língua portuguesa

para poder escrever. A autora lembra que os professores e familiares devem acreditar no potencial dos seus alunos e filhos surdos e incentivá-los a aprender cada vez mais.

**PALAVRAS-CHAVE:** aprendizado da língua portuguesa por alunos surdos, educação bilíngue para surdos, língua de sinais e educação de surdos.

## ABSTRACT

LIMA, M. A. G. S. **O aprendizado da língua portuguesa por jovens e adultos surdos**. 2012. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. 2012.

The unsatisfactory results both on reading and writing have been matter of concern among professional who work with deaf students. Teacher, researchers and the deaf community agree that the majority language (Portuguese language, in the case of Brazilians) is very difficult to be learned by people who can't hear. However, authors such as Svartholm (1998) and Pereira (2000; 2005), for instance, have said that although deafness can hamper the learning of the majority language, it is not impossible for deaf students to learn it and to exercise it well. The results will depend mainly on language knowledge that students acquire. Until the 80's, sign language in Brazil was forbidden in schools and deaf students had to learn to communicate orally. Some of them could manage to understand and used Portuguese oral language, but the majority had difficulties and many couldn't achieve good results. Since the past few years, especially after the approval of the Federal Law 10.098, which recognizes Brazilian sign language as the language of the deaf community and the decree 5626, from 2005, which regulates the 10.098 Law, the sign language began to be considered the first language of the deaf, and the Portuguese language the second. Thus, the formal education of deaf students must be bilingual. This means that students have the right to learn sign language, whilst the Portuguese language will be acquired by using sign language as it's main reference. Considering that the majority of children are raised in homes that have listening members, it is possible to assert that in general these children begin going to school with no previously acquired language at all. At school, the learning of reading and writing will mean the learning of a new language. Bilingual education, as proposed by the 5626 decree means that the school must emphasize the learning of Brazilian sign language, and based in it learn also the written Portuguese language. Thinking of students that will attend school later than the usual, this work analyzes the learning of the Portuguese language among deaf teenagers and adults. The development of this work was possible by bibliographic research and also the observation of a school for the deaf in São Paulo. By analyzing classes and written materials produced by teenage deaf students that are learning the Portuguese language, it was possible to verify that, despite the difficulties, deaf students can produce written material that is fully understandable. As a final consideration, the author emphasizes that teachers should work by using texts, rather than isolated words. By this increasing vocabulary and general knowledge that students must have in order to be able to write texts. The author also reminds that teachers and family members must

believe in the aptitude of their students and deaf children and encourage them to always study.

Kew-words: learning Portuguese language for deaf students, bilingual education for the deaf, sign language, education of the deaf

## SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1	
O ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos.....	16
Capítulo 2	
O aprendizado da Língua Portuguesa por adolescentes e adultos surdo.....	22
Capítulo 3	
Considerações Finais .....	30
Referências .....	32

## INTRODUÇÃO

Os resultados insatisfatórios na leitura e na escrita têm preocupado os profissionais que trabalham com alunos surdos. Professores, pesquisadores e os próprios surdos concordam que a língua majoritária (a Língua Portuguesa, no caso dos brasileiros) é difícil de ser aprendida por pessoas que não ouvem. Muitos acham que é por causa da surdez.

Embora a surdez possa dificultar o aprendizado da língua majoritária, pesquisadores como Svartholm (1998) e Pereira (2000; 2005), por exemplo, afirmam que não é impossível para os surdos a aprenderem e usarem bem. Segundo estas autoras, os resultados vão depender, principalmente, do conhecimento de língua que as crianças surdas têm.

Para falar sobre conhecimento de língua por crianças surdas, é preciso separar dois grupos: as crianças surdas que nascem em famílias surdas e as que nascem em famílias ouvintes.

As crianças surdas, nascidas em famílias surdas, que usam a língua de sinais, adquirem a língua de sinais na interação com os pais surdos. A aquisição é parecida e acontece mais ou menos na mesma idade que as crianças ouvintes adquirem a linguagem oral (MARCHESI, 1991). Estas crianças surdas, quando chegam à escola, já contam com uma língua para se comunicar e, com base nela, vão aprender a língua usada na escrita, a língua portuguesa para as crianças surdas brasileiras.

Como a família usa a Língua de Sinais, a criança já chega à escola com língua, a de sinais, e pode se comunicar com outras crianças surdas. A Língua de Sinais usada pelos professores é diferente da usada pela família surda e, assim, na interação com os professores, os alunos surdos ampliam o conhecimento da Língua de Sinais.

Na escola, os alunos surdos aproveitam o contato com colegas surdos que sabem um pouco da língua portuguesa e assim começam a aprender. Vale lembrar que a Língua Portuguesa será aprendida como segunda língua.

Um processo muito diferente acontece com as crianças surdas, filhas de pais ouvintes. O que se observa muitas vezes é que, por dificuldade de aceitar a surdez ou por desconhecimento da língua de sinais, a família se comunica oralmente com os filhos. Cabe lembrar que a fala é muito difícil de ser entendida por pessoas que têm perda auditiva. Por outro lado, a família ouvinte geralmente não sabe a Língua de Sinais e, assim, a comunicação entre a criança surda e a família é muito difícil. As crianças surdas não participam das conversas na família e de outras situações que envolvem o uso de uma língua. Como consequência da falta de uma língua partilhada com a família, geralmente as crianças surdas, de famílias ouvintes, apresentam prejuízo no conhecimento de mundo, além de prejuízo no conhecimento de uma língua.

Ainda que não usem uma língua em casa, geralmente as crianças surdas e as famílias ouvintes criam uma linguagem que consiste de gestos e que permite que se comuniquem, mas não é uma língua de sinais. Para que esta linguagem se transforme em língua de sinais é preciso que a família a saiba, o que na maior parte das vezes não acontece (PEREIRA e LEMOS, 1987).

A língua brasileira de sinais, por ser visual-espacial, não oferece dificuldade para os alunos surdos. No entanto, ainda há muitas famílias que não aceitam que os filhos usem a língua de sinais e insistem em que eles falem. Estas famílias também não permitem o contato com pessoas surdas e, assim, as crianças surdas crescem sem conhecimento da língua de sinais e da cultura surda. A consequência é um atraso grande de linguagem, que, segundo Goldfeld (1997), tem como resultado problemas cognitivos, além dos linguísticos. A autora afirma que “a criança surda, ao sofrer atraso de linguagem, mesmo que aprenda uma língua tardiamente, terá sempre como consequência deste atraso problemas emocionais, sociais e cognitivos” (p. 44).

Considerando que a maioria das crianças surdas nasce em famílias ouvintes, pode-se dizer que geralmente elas chegam à escola sem uma língua,

nem a língua de sinais e nem a língua portuguesa oral e são inseridas no aprendizado da língua portuguesa escrita. Para estas crianças, o aprendizado da leitura e da escrita significa aprender uma língua.

Se forem colocadas em escola para ouvintes, as crianças surdas terão muita dificuldade de se comunicar com os colegas ouvintes, que já sabem a Língua Portuguesa e se comunicam através da fala.

Se as crianças surdas forem para uma escola para surdos, elas vão entrar com pouco ou nenhum conhecimento da Língua de Sinais e sem informação sobre a cultura dos surdos. Nesse caso, a comunicação fica difícil porque falta a língua de sinais. Os professores tentam dar um jeito, interpretando o conteúdo na Língua de Sinais, usando expressão facial, movimento corporal e gestual e o espaço para que os alunos surdos entendam. Interpretam os textos na língua de sinais para os alunos surdos, mas os alunos precisam aprender a língua de sinais.

Na escola para Surdos, as crianças surdas podem adquirir a língua de sinais na interação com adultos surdos.

Algumas famílias ouvintes com filhos surdos tentam se comunicar com os filhos. Usam mímica, gestos e querem aprender LIBRAS para usar com os filhos surdos. Estes pais levam os filhos para museus, parques, bibliotecas e conversam com eles. Ajudam os filhos nas lições de casa, ampliando o conhecimento que eles estão aprendendo na escola. Estas crianças surdas se desenvolvem na escola e em casa.

O mesmo processo das crianças surdas é vivido muitas vezes por adolescentes e adultos surdos que entram tarde na escola.

Mesmo sendo mais velhos e tendo uma linguagem com a família, estes alunos chegam à escola sem a língua de sinais e sem a língua portuguesa.

Como fazer para que adolescentes e adultos surdos, que chegam tardiamente na escola, aprendam a língua portuguesa?

Visando responder esta questão, este trabalho tem como objetivo analisar o aprendizado da Língua Portuguesa por adolescentes e adultos surdos.

Para desenvolver este trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica nos trabalhos publicados sobre o ensino da língua portuguesa para surdos, bem como foi feita observação em uma escola para Surdos, em São Paulo, que tem alunos adolescentes e adultos surdos que estão aprendendo a língua portuguesa escrita.

Visando atingir o objetivo proposto, este trabalho está organizado da seguinte forma. O capítulo 1 traz aspectos sobre a educação dos surdos, em particular sobre o ensino da língua portuguesa. O capítulo 2 trata do aprendizado da língua portuguesa por adolescentes e adultos surdos. Neste capítulo também são apresentados e analisados trechos da observação das aulas de língua portuguesa numa classe de adolescentes e adultos surdos, bem como produções escritas de alguns alunos. No capítulo 3 são apresentadas as considerações finais.

## Capítulo 1

### O ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos

Até a década de 80, no Brasil, os sinais eram proibidos na escola e os alunos surdos tinham que aprender a se comunicar pela fala. Alguns alunos surdos conseguiam entender e usar a língua portuguesa na modalidade oral, mas a maioria sofria para aprender a falar. Muitos eram os que não conseguiam se comunicar bem e, como resultado, saíam da escola sem aprender quase nada. Estes alunos geralmente eram considerados como tendo problemas cognitivos (Goldfeld, 1997).

Os alunos surdos entravam na escola com pouco ou nenhum conhecimento da língua portuguesa e a preocupação dos professores era ensiná-los a entender e usar a língua portuguesa oral para depois aprenderem a escrita.

O ensino da língua portuguesa se dava por meio de repetição de estruturas frasais, primeiramente na modalidade oral. A mesma forma de trabalho era adotada no ensino da modalidade escrita da língua portuguesa. Embora alguns alunos surdos aprendessem as estruturas frasais trabalhadas, a maior parte apresentava muita dificuldade na compreensão e uso da língua portuguesa. Como afirma Pereira (2005), os alunos surdos aprendiam a língua portuguesa de forma mecânica sem uma reflexão sobre o seu funcionamento.

Os alunos surdos, em geral, tinham muita dificuldade para entender um texto ou produzir um texto com sentido. Ao tentar ler um texto, o grande número de palavras desconhecidas desanimava e tirava a vontade de ler, e os alunos surdos foram vistos como tendo dificuldade para entender e alguns se sentiam incapazes de ler. Os professores, por sua vez, evitavam dar textos para os alunos surdos e, quando davam, usavam vocabulário e estruturas sintáticas bem simples. O resultado foi que grande parte dos alunos surdos não conseguia ler um texto sem a ajuda do professor.

Nos últimos anos, principalmente com a aprovação da Lei Federal 10.098, que reconhece a língua brasileira de sinais como língua da comunidade de surdos no Brasil, as escolas para surdos deixaram de exigir que os alunos surdos falem e passaram a usar a língua brasileira de sinais na educação.

As línguas de sinais, por serem visuais-espaciais, não oferecem dificuldade para serem adquiridas pelos Surdos.

As pesquisas sobre as línguas de sinais começaram nos Estados Unidos, na década de 60, com William Stokoe. Antes destes estudos, acreditava-se que

a língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos; que havia uma língua de sinais única, usada por toda a comunidade surda; que a língua de sinais apresentava falha na organização gramatical se comparada com as línguas orais; e que a língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral (QUADROS, 1997, p. 46)

Os estudos sobre as diferentes línguas de sinais mostraram que elas são línguas naturais, que se desenvolvem na comunidade surda: “As pessoas surdas de uma determinada região encontram-se e comunicam-se através de uma língua de sinais de forma análoga a qualquer outro grupo sócio-cultural que utiliza uma língua falada” (QUADROS, 1997, p. 47)

As línguas de sinais apresentam regras para a formação de sinais, para a composição e para a organização dos sinais nas frases e no discurso. Por fazerem uso da visão, das mãos, da expressão facial e do espaço, elas não têm a mesma organização da língua portuguesa oral, que é oral-auditiva, e nem apresentam os mesmos elementos. No entanto, não se pode dizer que as línguas de sinais sejam pobres se comparadas com as línguas orais. Elas são diferentes. Além disso, as línguas de sinais não apresentam um sinal para cada palavra, o que torna impossível traduzir palavra por palavra em sinais. O resultado fica incompreensível para o surdo. Elas têm uma gramática própria e permitem a expressão de qualquer ideia (PEREIRA; CHOI; VIEIRA; GASPAS; NAKASATO, 2011).

O direito dos alunos surdos a uma educação que contemple a língua brasileira de sinais é garantido pelo Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005.

O decreto 5626, de 2005, que regulamenta a Lei 10.098, estabelece que os alunos surdos sejam expostos à educação bilíngüe, sendo a língua de sinais a primeira língua e a língua portuguesa, na modalidade escrita, a segunda.

Considerando que a maioria dos alunos surdos tem pais ouvintes, é na escola que eles vão adquirir a língua de sinais, o que deve acontecer preferencialmente com professores surdos. A interação com professores surdos vai permitir que os alunos adquiram a língua, a cultura da comunidade surda e se identifiquem como diferentes dos ouvintes e não como deficientes.

A aquisição da língua de sinais vai tornar possível o desenvolvimento do conhecimento de mundo e de língua, permitindo aos usuários entender e se expressar sobre qualquer assunto. Em outras palavras, a língua de sinais vai permitir que os alunos surdos interajam com usuários da língua e ampliem, assim, o seu conhecimento de mundo. Permite também que os alunos surdos adquiram uma língua com base na qual poderão aprender a língua portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua.

Cabe lembrar que a língua portuguesa tem gramática diferente de língua de sinais, que é visual-espacial. Assim, os alunos surdos usam a língua de sinais, mas têm muita dificuldade em usar corretamente a língua portuguesa.

Considerar a língua de sinais como a primeira língua dos alunos surdos significa que os conteúdos escolares devem ser trabalhados nesta língua e que a língua portuguesa na modalidade escrita será trabalhada como disciplina, com base em técnicas de ensino de segunda língua. Estas técnicas partem de habilidades já adquiridas pelas crianças surdas na língua de sinais (QUADROS, 1997).

A língua portuguesa será trabalhada na forma escrita, que, por ser totalmente acessível à visão, é necessária para o aluno surdo aprendê-la. Para isso, o professor deve trabalhar com textos e não com palavras isoladas.

A língua portuguesa escrita para os alunos surdos é resultado do aprendizado, mas a maioria tem dificuldade por não conhecer a gramática da língua. Muitos alunos conseguem entender e escrever frases simples e curtas, mas poucos conseguem entender frases longas e mais complexas. Espera-se que, ao longo do ensino fundamental, a dificuldade para entender e usar a língua portuguesa escrita diminua e que os alunos surdos ampliem o conhecimento da língua portuguesa.

Svartholm (1998), pesquisadora sueca, propõe que, no trabalho com a segunda língua, o professor deve apresentar aos alunos surdos o maior número possível de textos e deve traduzi-los para a língua de sinais. A mesma autora (SVARTHOLM, 2003) destaca a importância de se ler para os alunos surdos desde a idade pré-escolar. Ela sugere que o professor conte uma história na língua de sinais e mostre a escrita e as imagens para que os alunos surdos relacionem o conteúdo contado na língua de sinais ao escrito, ainda que não sejam capazes de ler sozinhos. Quando começam a ler, os alunos surdos leem o texto junto com os professores e estes devem explicar o conteúdo na língua de sinais.

Pereira (2005) também enfatiza a importância dos alunos surdos lerem muito porque a leitura é a fonte principal para eles aprenderem a língua portuguesa. É por meio da leitura que os alunos surdos irão aprender a estrutura e a gramática da língua portuguesa (SÃO PAULO, 2008). Para isso, o professor deve propor atividades diárias de leitura de textos, de diferentes gêneros e tipos textuais.

O professor pode começar com gêneros mais simples e depois ir aumentando a complexidade. Os gêneros devem ser trabalhados primeiro na língua brasileira de sinais e depois na língua portuguesa escrita. O professor deve ajudar os alunos surdos a compreender e usar os gêneros textuais ensinados.

É na leitura que os alunos surdos vão fazer as suas hipóteses sobre o funcionamento da língua portuguesa. Quando começam a escrever, eles usam o conhecimento que já têm sobre a escrita. Diferentemente dos alunos ouvintes,

que fazem suas hipóteses sobre a escrita com base na audição, os alunos surdos vão elaborar hipóteses visuais (PEREIRA e ROCCO, 2009).

As hipóteses elaboradas visualmente serão testadas à medida que as crianças surdas tenham acesso a atividades que envolvam a escrita. Primeiramente, elas devem aprender que aquilo que é expresso na língua brasileira de sinais pode ser expresso na língua portuguesa escrita (SÃO PAULO, 2008). Na medida em que vão ampliando o seu conhecimento da escrita, as crianças surdas vão aprimorando as suas hipóteses, sem a interferência dos sons.

Em relação à escrita, no início do processo e durante muito tempo, a professora faz o papel de escriba, escrevendo na Língua Portuguesa o que os alunos surdos contam na Língua de Sinais. Desta forma começam a estabelecer relação entre a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Na medida em que as crianças manifestam interesse, a professora explica semelhanças e diferenças entre as duas línguas (PEREIRA e ROCCO, 2009). O texto coletivo, escrito pela professora na lousa, serve de modelo de escrita para os alunos produzirem o seu próprio texto (PEREIRA, 2011).

Uma vez que a Língua de Sinais contribui para o aprendizado da Língua Portuguesa, é de se esperar que o processo seja mais difícil e mais demorado do que as crianças que já sabem a Língua de Sinais.

O conhecimento sobre a gramática da língua portuguesa vai ajudar o aluno surdo a se expressar melhor por escrito. No entanto o uso da língua portuguesa pelo aluno surdo é diferente da usada pelo ouvinte, já que o aluno ouvinte já sabe a Língua Portuguesa e o aluno surdo vai aprender através da escrita.

A preocupação do professor deve ser a de que os alunos surdos possam usar a língua portuguesa e, na medida em que a usem, possam refletir sobre o funcionamento desta língua. A reflexão deve ter como objetivo a compreensão e a produção na Língua Portuguesa e não a memorização de regras sem compreensão (SÃO PAULO, 2008, p. 39). No entanto, não é suficiente a exposição dos estudantes aos textos para que aprendam como o sistema de

escrita funciona ou para que aprendam a escrever textos expressivos ajustados às expectativas do contexto de produção (SÃO PAULO, 2008, p. 40). É necessário que o professor planeje situações diferentes de leitura para que os alunos surdos aprendam a escrita de uma língua alfabética, como o português.

Goldfeld (1997) defende a necessidade de estudar os aspectos linguísticos a partir de diálogos em seu contexto social, pois somente no contexto social as palavras ganham um sentido.

Para que os alunos surdos possam participar de práticas sociais que envolvem escrita, ou seja, para que se tornem letrados, é necessário que o professor organize as atividades de leitura e escrita considerando que os alunos surdos têm acesso ao mundo pela visão. Isto significa que as imagens podem ajudar a compreensão e a expressão de idéias. Além disso, por meio da língua de sinais, o professor deve explicar aos alunos surdos como funciona a língua portuguesa escrita.

É necessário ter consciência de que a língua de sinais e a língua portuguesa são diferentes, na organização e na expressão das ideias.

## Capítulo 2

### Aprendizagem da língua portuguesa escrita por adolescentes e adultos surdos

Para entender como se dá a aprendizagem da língua portuguesa pelos adolescentes e adultos surdos, é preciso retomar alguns aspectos que já foram considerados no capítulo 1.

As crianças surdas, que nascem em famílias ouvintes, geralmente chegam à escola com uma linguagem, criada na interação com a família, mas sem língua porque a língua portuguesa oral, que a família usa, não é acessível aos filhos surdos, e a língua de sinais, acessível às crianças surdas, é desconhecida pela maior parte das famílias surdas.

Diante deste fato, cabe à escola propiciar o aprendizado da língua de sinais e da língua portuguesa na modalidade escrita pelos alunos surdos.

A língua de sinais deverá ser aprendida preferencialmente na interação com adultos surdos, que usem bem esta língua. Assim, os alunos vão aprender todos os aspectos da língua de sinais e também poderão aprender sobre a cultura surda. A importância da língua de sinais é destacada por Tovar (2000), para quem a exposição da criança surda à língua de sinais vai possibilitar o desenvolvimento da sua capacidade de linguagem, a qual permitirá não só a socialização, a construção da realidade, o enriquecimento das experiências, o desenvolvimento cognitivo e acadêmico, mas também o crescimento da auto-estima, possibilitando à criança identificar-se como surdo e como cidadão capaz. Além disso, o aprendizado da língua de sinais vai possibilitar a ampliação do conhecimento de mundo, bem como a inserção dos alunos surdos em atividades que envolvam a escrita, como relatos de história e leitura de livros.

Svartholm (2003) lembra que a criança surda vê palavras no papel e constrói conhecimento linguístico e gramatical por meio da visão. Por isso, a autora recomenda que se deve trabalhar o texto como um todo e não cada palavra.

Considerando que o objetivo deste trabalho é analisar o aprendizado da Língua Portuguesa por jovens e adultos surdos, a pergunta que se coloca é Como fazer para que adolescentes e adultos surdos, que chegam tardiamente na escola, aprendam a língua portuguesa?

Assim como as crianças surdas, muitos adolescentes e adultos surdos chegam à escola sem a língua de sinais e com pouco conhecimento da língua usada pelos pais ouvintes. Nestes casos, o professor deverá observar qual a forma de comunicação usada por estes alunos e, a partir dela, conduzir os alunos para a língua de sinais e para a escrita simultaneamente (Macchi e Veinberg, 1995).

Visando o aprendizado da língua portuguesa escrita, no caso dos surdos brasileiros, os alunos devem ter contato com textos reais, isto é, textos completos, tirados de materiais pensados para jovens.

O professor trabalhará com diferentes gêneros discursivos, interpretando o conteúdo dos textos na língua de sinais, mostrando imagens.

Para que leiam e escrevam, os adolescentes e adultos surdos, assim como as crianças, necessitam ter conhecimento de mundo e de língua. Este conhecimento ajudará os alunos a fazerem suas previsões e inferências na leitura, como também ajudará na produção de textos.

Ao se referir ao trabalho com alunos surdos que chegam mais tarde à escola, Macchi e Veinberg (1995) sugerem que o professor deve trabalhar com texto autêntico, com o conhecimento prévio do aluno, com a elaboração de hipóteses de leitura, com a leitura na língua de sinais e com trabalhos posteriores de fixação de conteúdos que apresentem objetivos gramaticais e comunicativos bem focalizados. Para as mesmas autoras, o trabalho é semelhante ao planejado

para crianças pequenas, mas os textos devem ser escolhidos de acordo com o interesse e a motivação do aluno.

Visando responder esta questão, este trabalho tem como objetivo analisar o aprendizado da Língua Portuguesa por adolescentes e adultos surdos.

Visando verificar como adolescentes e adultos surdos aprendem a escrever, foram realizadas observações numa escola para surdos que usa a língua brasileira de sinais e a língua portuguesa escrita.

O objetivo da professora é que os alunos surdos melhorem o uso da língua portuguesa e aprendam a gramática da língua. Para isso, a professora trabalha com a leitura e a produção de textos.

Antes da atividade, a professora explica na língua de sinais o que é para os alunos fazerem e, sempre que necessário, ela usa a língua de sinais.

No primeiro dia observei, na sala de aula, atividade de língua portuguesa e de matemática.

Numa das atividades observadas, os alunos escreveram as respostas de Matemática e a professora ajudou, dando explicação sobre multiplicação e divisão.

Os alunos têm níveis diferentes de dificuldades e de facilidades: alguns demoraram para responder e outros responderam rapidamente. O motivo pode ter sido o desconhecimento das operações matemáticas, como divisão e multiplicação. A maioria apresentou dificuldade na compreensão. Outros ficavam em silêncio, sem dar a resposta.

Os alunos aprendem devagar porque entraram atrasados na escola e só então foram aprender novas informações em cada uma das disciplinas da aula. Eles pareciam preocupados e ansiosos para aprender mais coisas novas na escola.

Um aluno veio de outro estado e entrou atrasado na escola. Alguns ficaram em casa, sem ir para a escola e chegaram muito tarde para começar a estudar.

Outros pararam de estudar por causa o trabalho e depois perceberam que precisavam estudar para se desenvolverem e aprenderem novas informações. Um aluno estudou desde criança na escola de ouvintes e, quando entrou na escola onde fiz a observação, estava atrasado no processo.

Alguns dos alunos se comunicam em Libras e têm muita dificuldade no uso da Língua Portuguesa, mas querem aprender mais o Português porque querem entrar no Ensino Médio.

Na aula de História, a professora dava explicação em Libras e escrevia na lousa o significado de algumas palavras que não eram conhecidas pelos alunos. Eles tentavam entender as palavras no contexto.

No segundo dia, observei a aula de Português. A professora escreveu na lousa a explicação dos exercícios sobre o uso de verbos no Português. Os alunos surdos copiaram no caderno para fazer a resposta, mas alguns alunos apresentavam muita dificuldade na compreensão dos contextos. Copiavam no caderno e tentavam fazer as respostas. A professora tentou explicar os verbos e escreveu frases na lousa. Alguns entenderam e conseguiram responder a mudança nos verbos, por exemplo: (Eu\_\_\_\_\_na casa. (entrar passado)). Outros não conseguiram responder porque não perceberam que os verbos mudam dependendo do pronome.

A professora mostrava, na lousa, como os verbos mudam a conjugação nos diferentes contextos. Os alunos observavam. Tiravam suas dúvidas e pediam explicação para a professora. Alguns faziam muitas perguntas até compreenderem, mas outros não perceberam que os pronomes provocam mudança na conjugação dos verbos.

Na segunda aula observei a sala de computação. O professor surdo colocou o filme “De volta para o futuro” e explicou em Libras ao mesmo tempo que passava o filme. Em alguns momentos, ele parava o filme e fazia perguntas para os alunos, que respondiam certo ou errado. Depois continuava o filme até terminar. Depois ele pediu para os alunos compararem o tempo passado e futuro

para que os alunos entendessem as diferenças entre as paisagens antigas e as de agora.

No terceiro dia, observei o professor surdo na sala de aula. Ele estava dando explicação sobre o significado da palavra “reciclagem”. Ele mostrou alguns filmes e imagens e explicou sobre a reciclagem. Escreveu a palavra “resíduo” e explicou o significado para os alunos. Eles entenderam. Também mostrou um filme sobre o lixo e acompanhava o filme explicando na língua de sinais.

Na segunda aula, o mesmo professor deu atividades usando os classificadores para que os alunos tomassem consciência da diferença entre os sinais e o classificador.

A maioria não entendeu bem como fazer o uso do classificador. Mesmo apresentando na língua de sinais, a compreensão foi difícil, pois os alunos surdos pensavam sinal e classificadores era a mesma coisa. O professor surdo tentou explicar a diferença entre sinal e classificador, usando exemplos.

No quatro dia observei a aula de Português. A professora escreveu na lousa a explicação sobre o uso dos pronomes, verbos e conjugações nas frases. Os alunos copiaram no caderno e tentaram fazer os exercícios. Alguns tinham dúvidas sobre como responder e pegaram os papéis onde tinham copiado a tabela dos verbos terminados com ar, er e ir e os pronomes para responderem. Outros não conseguiram entender bem e fizeram perguntas para a professora, que explicou mais claro e também mostrou o papel de tabela com verbos e pronomes.

A professora escreveu, por exemplo, (Eu e o Leandro \_\_\_\_\_ da faculdade (sair futuro). Os alunos surdos fizeram o exercício, mas alguns tiveram muita dúvida sobre como substituir os substantivos pelos pronomes e como conjugar o verbo para concordam com os pronomes. Os alunos procuraram na tabela que eles tinham no papel e depois responderam (nós sairemos da faculdade).

O ensino da Língua Portuguesa se baseia em textos. A professora apresenta os textos, que são lidos pelos alunos junto com a professora e

traduzidos por ela na Língua Brasileira de Sinais. Depois ela pede que os alunos leiam sozinhos. Nesse momento, ela motiva os alunos para a leitura.

A motivação é um fator importante para os alunos compreenderem o que leem. Solé (1998) ressalta que, para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que sinta que é capaz de ler.

Nas observações que fiz, percebi que alguns alunos se sentiam motivados para ler, mas outros pareciam não se sentir capazes e se recusavam. A professora ajudava. Em alguns momentos eles trocavam ideias com os colegas ou faziam os exercícios em dupla.

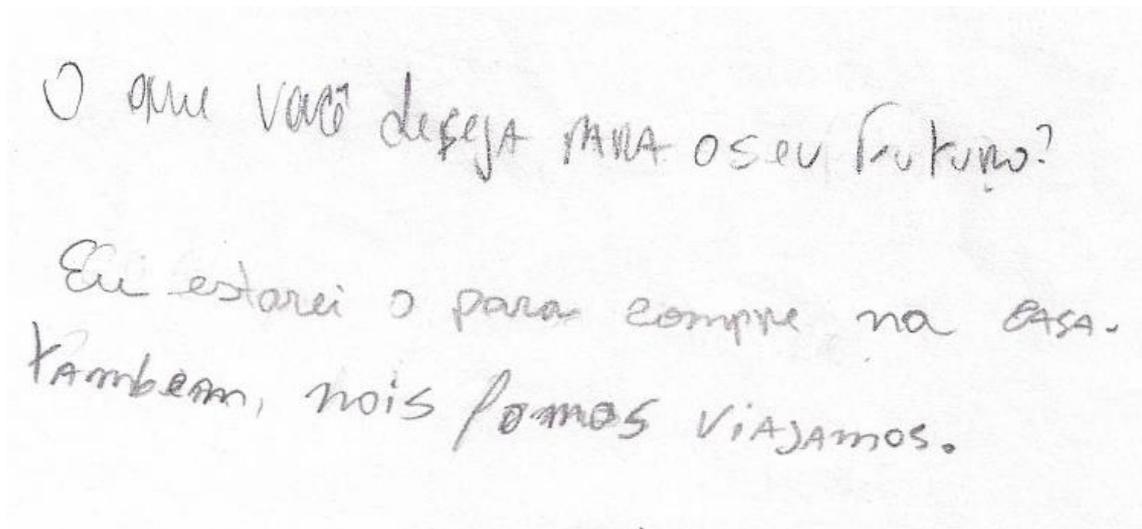
Visando ilustrar o uso da Língua Portuguesa por adolescentes e adultos surdos que entraram tarde na escola, apresento amostras de dois alunos.

## **ALUNO SURDO 1**

### **HISTÓRICO:**

Nasceu em Outubro de 1993. A família não sabe porque ele nasceu surdo. Começou a escolaridade em sala especial para alunos surdos em escolar regular e ficou até o 4º ano. Com 14 anos foi para a escola para surdos onde continua atualmente. Teve atendimento fonoaudiológico, mas tinha dificuldade para entender a fala. Preferia a escrita e a Libras para se comunicar.

## PRODUÇÃO ESCRITA DO ALUNO



### ANÁLISE:

Dá para entender o que o aluno está contando.

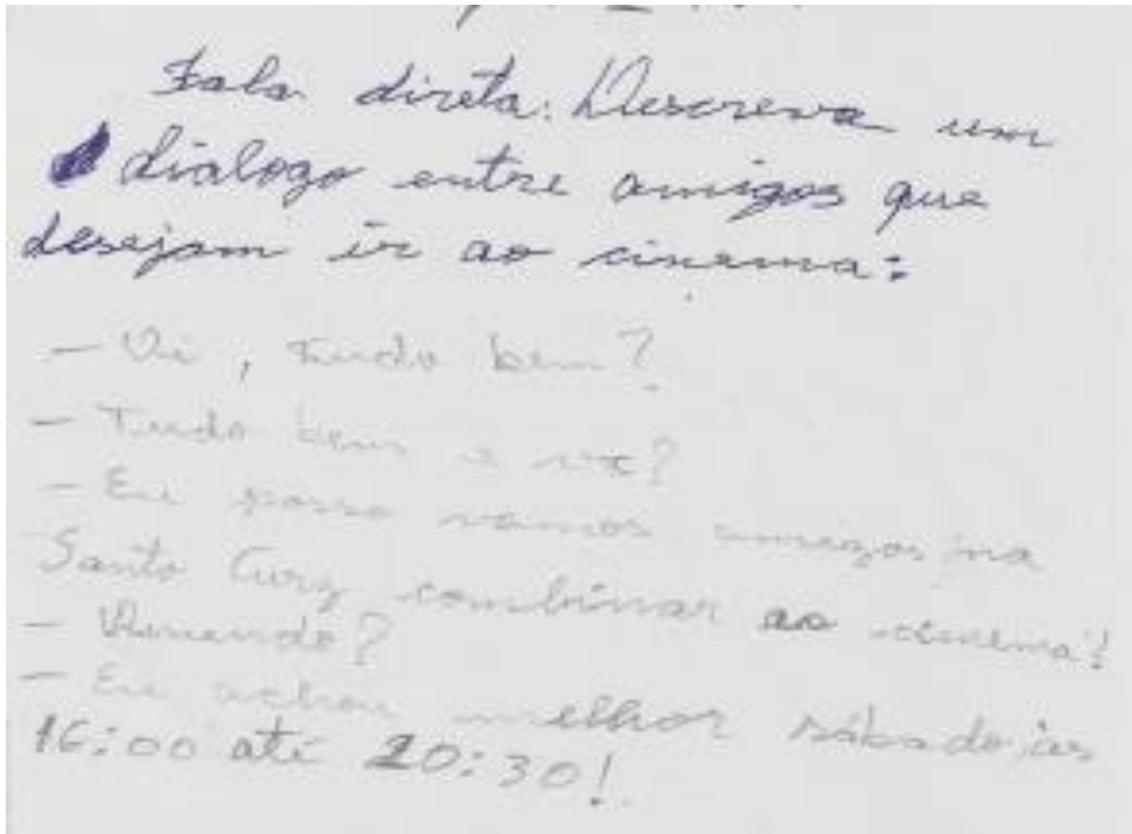
Ele tem dificuldade no uso de Língua Portuguesa. No entanto, dá para perceber que o aluno usa o verbo flexionado em tempo e concorda o sujeito e o verbo.

Entendeu a palavra “futuro” e respondeu usando o verbo no tempo futuro, mas misturou com o tempo “passado”.

## ALUNO SURDO2

### HISTÓRICO:

Nasceu em Abril de 1993. A mãe teve rubéola na gravidez e o filho nasceu surdo. Foi com 3 anos para uma escola especial que atende crianças surdas pequenas e ficou dois anos lá. Depois foi para uma escola pública regular onde ficou numa sala especial. Lá se usava a Comunicação Total. Com 11 anos colocou aparelho auditivo e começou atendimento fonoaudiológico. Não queria falar, só usar a língua de sinais. Tinha dificuldade para ler e só entendia algumas palavras e chutava. Foi para a escola onde está hoje.



#### ANÁLISE:

Dá entender, que ele escreveu. Ele mostrou saber como escrever diálogo.

A escrita da Língua Portuguesa dá para entender, mas há alguns erros, principalmente na organização da língua portuguesa porque ele escreve na ordem da língua brasileira de sinais.

Depois do verbo “combinar”, escreveu o artigo “o” e depois corrigiu e colocou a preposição a + o artigo o (ao), o que parece mostrar que ele está aprendendo a língua portuguesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa pode contribuir para a reflexão sobre o aprendizado da língua portuguesa por adolescentes e adultos surdos que chegaram à escola tarde e que não sabiam a Língua Brasileira de Sinais.

O conhecimento da língua portuguesa vai ampliar com a leitura. Por isso é muito importante que os alunos surdos sejam estimulados a ler. Pela leitura eles vão aumentar o vocabulário e o conhecimento da língua portuguesa.

A Língua Brasileira de Sinais tem papel importante no aprendizado da Língua Portuguesa por alunos surdos e o professor deve ensinar a Língua Portuguesa por meio da língua de sinais, que, por ser visual-espacial, é considerada a primeira língua para as pessoas surdas. A Libras vai permitir aos alunos surdos se comunicarem e aprenderem a Língua Portuguesa como segunda língua. O aprendizado da Língua Portuguesa vai ampliar o conhecimento de mundo e de língua dos alunos e vai diminuir suas dificuldades.

A análise de amostras escritas por alunos surdos, que estão aprendendo a Língua Portuguesa demonstram que, apesar das dificuldades no uso da língua portuguesa, é possível entender o que escrevem.

O objetivo no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos deve ser o uso da língua e da sua gramática e para isso o professor deve trabalhar com textos e não com palavras isoladas.

Procurou-se mostrar, também neste trabalho, que, se os alunos surdos aprenderem a Língua de Sinais cedo e entrarem pequenos numa escola bilíngue, eles terão menos dificuldades para compreender e usar a Língua Portuguesa.

Os professores e familiares devem acreditar no potencial dos seus alunos e filhos surdos e incentivá-los a aprender cada vez mais.

Segundo o livro Ensino de Língua Portuguesa para Surdos, publicado pelo MEC, SEESP (BRASIL, 2004, p. 37) “se não há limite entre a grandeza e a

pequenez, e nenhum ser humano é exatamente igual a outro, podemos concluir que ser surdo não é melhor nem pior que ser ouvinte, mas diferente. É por não se tratar necessariamente de uma perda, mas de uma diferença, que muitos surdos, especialmente os congênitos, não têm a sensação de perda auditiva”.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos**: caminhos para a Prática Pedagógica, vol. 1, Brasília, 2004.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo. Plexus 1997.

MACCHI, M.; VEINBERG, S. **Estratégias de prealfabetización para niños surdos**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didático, 2005.

MARCHESI, A. **El desarrollo cognitivo y lingüístico de los niños sordos**. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

PEREIRA, M.C.C.; LEMOS, C.T.G. de. O gesto na interação mãe ouvinte-criança deficiente auditiva. **Revista D.E.L.T.A.**, v. 3, n 1, p. 1-18, 1987.

PEREIRA, M.C.C. **Aquisição da leitura e da escrita por crianças surdas**. Anais do Congresso Surdez e Pós-Modernidade: Novos rumos para a educação brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Divisão de Estudos e Pesquisas, 2000, 29-35.

PEREIRA, M. C. C. **Leitura, Escrita e Surdez**. Secretaria da Educação de São Paulo, CENP/CAPE. São Paulo: FDE, 2005.

PEREIRA, M.C.C.; ROCCO, G.C. Aquisição da escrita por crianças surdas – início do processo. **Letrônica**, v. 2, n. 1, julho 2009, p. 138 – 149

PEREIRA, M.C.C. Reflexões sobre a escrita de alunos surdos expostos à abordagem bilíngue de educação. In E.M.B. de Faria; M.C.B.Cavalcante (orgs.) **Desafios para uma nova escola**: um olhar sobre o processo ensino-aprendizagem de surdos. João Pessoa, PB: Editora da UFPB, 2011, 49-64.

PEREIRA, M.C.C.; CHOI, D.; VIEIRA, M.I.; GASPAR, P.; NAKASATO, R. **LIBRAS** – conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para Educação Infantil e Ensino Fundamental: Língua Portuguesa para pessoa surda**. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT. 2008.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6ª Ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SVARTHOLM, K. Aquisição de segunda língua por surdos. **Revista Espaço**, junho 1998, 38-45.

TOVAR, L. A. La Lengua escrita como segunda lengua para el niño sordo. In: **Revista El Bilingüismo de los sordos**, V. 1, nº 4. Santa Fe de Bogotá: INSOR, 2000.